

Obra de Jacques Lacan é daquelas que não podem ser ignoradas. Seus efeitos estão longe de poder ser reduzidos meramente aos consultórios psicanalíticos e à *entourage* institucional que os cerca. Através da sua penetração cultural, criou-se uma poeira mitológica que, se é o desdobramento inevitável de um pensamento contundente, faz obscurecer, pelos efeitos que produz, a própria obra do autor. Será que há algo no movimento que percorre o pensamento de Lacan que produza efeitos tão dogmáticos como os que produziu?

Neste contexto, a tradução do livro de Bertrand Olgivie, *Lacan, a formação do conceito de sujeito (1939-1949)* é muito bem-vinda. Como o próprio título aponta, este filósofo francês nascido em 1952 faz um recorte do início da obra de Lacan. A leitura da tese de medicina ("Da psicose paranoíca em suas relações com a personalidade") e dos trabalhos que dela dependem se impôs como decisiva tanto por esclarecer o contexto teórico

Lacan rumo à psicanálise

Resenha de Bertrand Olgivie,
Lacan, a formação do conceito de sujeito (1932-1949), Rio de Janeiro, Zahar, 136 p.

no qual Lacan efetuava certas escolhas, devolvendo-lhe assim sua significação histórica, como porque já continham o essencial da problemática por vir, podendo, portanto, ser considerados tanto uma via de acesso à obra como uma chave de leitura.

Arqueologia

Olgivie faz uma arqueologia das questões que animaram Lacan. Seu percurso é, ao mesmo tempo, histórico e conceitual. Se Lacan vai inicialmente se dedicar a responder questões colocadas antes dele pela psiquiatria, é a partir deste e da filosofia que vai formulando suas próprias questões. Sua relação inicial

com a psicanálise é apenas lateral, o que marcará nos seus trabalhos posteriores uma problemática e um estilo de questões bastante peculiares.

Assim, a exposição segue uma dupla direção: por um lado, tentar restituir a história do percurso lacaniano; e, por outro, apenas em filigrana, colocar alguns marcos referentes à significação para a filosofia da teoria lacaniana. Mas que não se assustem os que olham com desconfiança a junção da psicanálise com a filosofia, pois não se trata, no caso do livro, de discussões empoleiradas sobre

a psicanálise em geral ou a obra de Lacan em particular. Olgivie repudia a idéia de um privilégio ordenador da filosofia sobre a psicanálise. Neste sentido, seu estilo claro ajuda a impedir mal-entendidos. Os filósofos são convocados no seu texto de duas maneiras: para historiar as questões de Lacan, colocá-las no contexto teórico em que este efetuava suas escolhas ou, na medida em que é Lacan mesmo quem os convoca para formular suas próprias questões, buscar o vocabulário que precisa, livre para fazer dele um uso muito pessoal.

Apesar de ser muito mais interessante deixar a psicanálise colocar suas próprias questões, Olgivie procura saber o que ela faz quando encontra problemas de uma semelhança espantosa com os dos filósofos. É o caso da questão do sujeito, que Lacan repõe com meios próprios na busca de identificar a causalidade psíquica em particular.

Assim Foucault e Canguilhem auxiliam o autor a situar o contexto onde emerge a palavra delirante. Incompreendida pelo olhar organicista, ela será ouvida atentamente por Lacan, que buscará o que ainda o sujeito falante, ativo, reivindica. Inventando novos conceitos rumo a uma "objetividade do subjetivo", é num

terreno novo que a psicose vai aparecer, necessitando ser compreendida no contexto social que lhe dá significação e pelo conflito vital disposto pela família em sua tensão original.

Mas para abrir um novo continente e aplicar-lhe um modo de conceitualização diferente, é preciso uma “revolução teórica na antropologia”. Esta será remanejada e mobilizada para apoiar a teorização da estrutura psíquica do indivíduo, e constitui o horizonte de inteligibilidade da psicologia concreta que Lacan quer afirmar. Os elementos deste remanejamento são extraídos da sociologia, etologia,

lingüística e da própria filosofia política.

Encontro com Freud

É somente na terceira parte do texto que Olgivie descortina o encontro de Lacan com Freud. Antes, porém, faz questão de destacar a originalidade do projeto lacaniano, que consiste em abordar a questão da determinação própria do psiquismo pelo viés da trama filosófica que ela representa. É este ponto de vista, do qual Freud se manteve cuidadosamente à distância, que vai dar o aspecto particular da obra de Lacan, indissoluvelmente técnica e filosófica. Ele nunca elabora conceitos destinados à compreensão do que se passa nas curas e sua condução sem destacar, ao mesmo tempo, as repercussões no campo filosófico. A invenção do conceito de

“estádio do espelho” é o ponto fixo que Lacan precisa para se engajar num caminho que o fará retomar pouco a pouco a obra de Freud, deslocando-a. A partir daí torna-se possível o retorno a Freud. Entre 1932 e 1949, Lacan procura de alguma forma tornar-se freudiano. Se, até a tese, ele demonstra que a gênese do sujeito parte do exterior, “o estágio do espelho” mostra que a questão do sujeito se inaugura nele mesmo.

Se o trabalho efetuado por Olgivie faz emergir a necessidade intrínseca do dogmatismo, do materialismo e do determinismo no pensamento lacaniano, a clareza do seu estilo de análise, problemati-

zador e nada dogmático, concede ao leitor o privilégio de encontrar um terreno profícuo para articular suas próprias questões, sem estar preso a dogmatismos, sem necessitar estar “por dentro” de modismos da escola. Olgivie recupera a velha idéia de que o rigor de um pensamento se segue pela trajetória das questões que o animam. Pois “ele não surge do nada e seu destino não é o milagre”. Trata-se, pois, de baixar a poeira mitológica para que a palavra possa recuperar sua luz essencial.

Renata Cromberg é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Este texto foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em maio de 1988, e na revista *Percurso*, n.1.